

DISPENSACIONALISMO, PROSPERIDADE E A “COSMOVISÃO REFORMADA”: EVANGÉLICOS E A ELEIÇÃO DE BOLSONARO EM 2018

Francisca Jaqueline de Souza Viração*

Resumo:

O artigo tem por objetivo fazer uma análise das eleições de 2018 pela ótica da perspectiva teológica de parcela considerável de seus eleitores, os evangélicos. Definir os grupos, diferenciá-los, como também suas motivações e uma narrativa de apoio ao candidato Jair Bolsonaro. O artigo também pretende fazer uma breve historicidade da relação dos evangélicos com a cultura, na qual a política é apenas uma parte dela, para compreendermos como as propostas de Bolsonaro falaram de forma mais clara e direta para três grupos bem diferentes e até conflitantes entre os evangélicos: pentecostais, neopentecospais e calvinistas.

Palavras-chave: Evangélicos; Política; Eleições 2018

Abstract:

The article aims to make an analysis of the 2018 elections from the perspective of the theological perspective of a considerable portion of its constituents, evangelicals. Define the groups, differentiate them, as well as their motivations and a supporting narrative to the candidate Jair Bolsonaro. The article also intends to make a brief historicity of the relation of the evangelicals with the culture, in which the politics is only a part of it, to understand how the proposals of Bolsonaro spoke more clearly and direct to three very different and even conflicting groups between the Evangelicals: Pentecostals, Neo-Pentecostals and Calvinists.

Keywords: Evangelicals; Politics; Elections 2018

Recebido:30/11/2018

Avaliado:08/02/2019

* Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense - UFF, professora da Universidade Regional do Cariri – URCA e do Centro Universitário Faculdades Integradas do Ceará – UNIFIC, ambas em Iguatu, Ceará. Membro do grupo de pesquisa Companhia das Índias da UFF. Email: jackhistory@gmail.com (88) 9 99762963. Artigo revisado por Matheus Lôbo.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

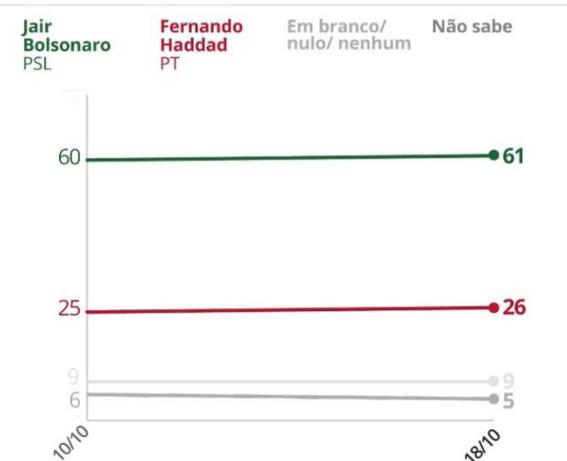
A eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República Federativa do Brasil em 2018 revelou a flagrante atuação de grupos “evangélicos” de vários ramos e por motivos diferentes. O objetivo deste artigo é identificar tais grupos e perscrutar os interesses em fazer, em muitos casos, propaganda aberta ao candidato do PSL. Para tanto é preciso conhecer tais grupos e seu histórico na atuação política.

Este artigo busca nas principais referências acerca do assunto no país, como Dom Robinson Cavalcanti, Paul Freston, Davi Lago, Lyndon de Araújo, Magali Cunha, Antônio Gouvêa de Mendonça e Émille Léonard, bases para compreender este fenômeno. Utilizam-se como fontes várias matérias jornalísticas, postagens nas redes sociais e busca-se nelas perceber as bases de argumentação religiosa para o voto em Bolsonaro. Além dos dados oficiais do “censo” eleitoral, para perceber quem é este eleitor.

Quem é quem

RELIGIÃO: evangélica

Em %



Fonte: Datafolha



Infográfico elaborado em: 18/10/2018

Segundo as estatísticas do Datafolha, 61% dos evangélicos votaram em Jair Bolsonaro. Segundo Jonne Roriz, em matéria publicada no jornal Metrôpoles, foram 21,7 milhões de votos evangélicos para Bolsonaro contra 9 milhões para Haddad no primeiro turno, gerando uma diferença de 12 milhões já no primeiro pleito.¹ Se

¹ Confira a matéria em: <https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2018/evangelicos-preferem-bolsonaro-e-podem-decidir-eleicao-contra-haddad> acesso 13/11/2018

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

somarmos os 8 milhões de membros que a Universal do Reino de Deus diz ter² com os 5 milhões de assembleianos³ da CGABD,⁴ já teremos aí a diferença.

Porém, as contas não podem ser tão simplistas. Em números absolutos, os evangélicos são um pouco mais de 20% da população, cerca de 45 milhões de brasileiros.⁵ Grande parte das denominações estão em franco crescimento: Igreja Internacional da Graça, Igreja Mundial do Poder de Deus e Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, cujos líderes R. R. Soares, Valdemiro Santiago e Silas Malafaia, respectivamente, são amplamente conhecidos.

Outros líderes, como o pastor Cláudio Duarte da Assembleia de Deus, a própria CGADB tomou decisão em apoiar Bolsonaro, Estevam Hernandes, da Renascer em Cristo, Marco Feliciano, Magno Malta, mais conhecidos como líderes da bancada evangélica, declararam apoio. Além de outros líderes desconhecidos para o público em geral bem como parcela considerável dos evangélicos e “famosos” para um pequenino grupo calvinista no Brasil também declararam apoio, alguns de forma clara, outros de forma velada, em uma “carta a igreja brasileira”⁶, mesmo sem direcionar o voto. Augustus Nicodemus, Franklyn Ferreira e Jonas Madureira foram alguns de seus signatários.

Isso mostra algumas características importantes destes líderes: são midiáticos, pertencem a praticamente três grupos, pentecostais,⁷ neopentecospais⁸ e calvinistas defensores da cosmovisão reformada.⁹ São radicalmente distintos em questões soteriológicas,¹⁰ escatológicas¹¹ e litúrgicas,¹² porém duas características os aproximam, além da mídia: são extremamente conservadores no que tange a questões morais e acreditam que pode existir uma política cristã.

Evangélicos participam da vida política brasileira desde os tempos do movimento republicano, apoiaram veementemente a República e uma nova constituição que garantisse o Estado Laico.¹³ Desde o governo Vargas sempre existiram deputados de

² Dados oficiais do censo Novo Mapa das Religiões da FGV mostram apenas 1 milhão e meio de adeptos, porém devido ao fato de enorme rotatividade de denominações neopentecostais, é possível que 8 milhões de pessoas já tenham sido membros da denominação em algum momento de sua vida.

³ Dados do censo supracitado.

⁴ Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil. Órgão maior das Assembleias de Deus no Brasil.

⁵ Dados do último Censo IBGE, 2010.

⁶ Pode-se ler a carta integral neste site <https://tuporem.org.br/eleicoes-2018-carta-aberta-a-igreja-brasileira>

⁷ A grande marca é a crença na continuidade dos dons através do batismo do Espírito Santo.

⁸ Além da crença na continuidade dos dons e do Batismo do Espírito Santo, creem na teologia da prosperidade.

⁹ Uma versão do calvinismo advindo da Holanda do século XIX, que crer que deve haver uma redenção também cultural do mundo, através de cristãos que vivam com a mente de Cristo em todas as áreas da vida.

¹⁰ Doutrina da Salvação.

¹¹ Doutrina das últimas coisas.

¹² A ordem do culto divino.

¹³ SANTOS, Lyndon de Araújo. O protestantismo no advento da República no Brasil: discursos, estratégias e conflitos. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá. ANPUH, Ano III, n. 8, Set. 2010, p. 103-120. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf7/07.pdf> Acesso em: 10 out 2018.

origem evangélica, há vários trabalhos sobre a participação das igrejas durante a Ditadura Militar. Portanto não é um fenômeno novo a participação de evangélicos na política. O novo é a visão, a ideia de uma “bancada evangélica”, que através dela podem tomar o poder.

E essa mudança vem de sua postura perante a política, que também advém do grupo ao qual pertencem no Brasil. Historicamente os evangélicos no Brasil são divididos em três grupos: evangélicos de missão, evangélicos de imigração e pentecostais.¹⁴ Muitos já admitem, que apesar de útil e didática esta divisão já está ultrapassada. Graças a grande exposição de pentecostais e neopentecostais na mídia, “evangélico” virou sinônimo de pertença a estes grupos, usarei o termo protestante para identificar os evangélicos que pertencem a igrejas de origem na Reforma Protestante, como os luteranos.

Para Paul Freston, deputados de origem protestante sempre existiram na vida republicana brasileira, porém o apelo de seu voto não era pelo fato de ser protestante.¹⁵ Na primeira grande mudança, este sentido se dá quando deputados de origem evangélica começam a surgir na Nova República brasileira. E esta mudança vem na mudança da postura política de seus grupos, ouve-se uma deliberada passagem de “política é coisa do demônio” para “irmão vota em irmão”. Como isso aconteceu?

Em “Cristo e cultura”, Richard Niebuhr¹⁶ apresenta três maneiras diferentes que protestantes, evangélicos e cristãos de forma geral se relacionam com a cultura. O Cristo contra a cultura, o Cristo acima da cultura e o Cristo da cultura. Se tomarmos a obra de Niebuhr como referência, vemos que protestantes e evangélicos no Brasil tentem muito mais para um Cristo contra e acima da cultura, do que um Cristo da cultura. Apesar de que este último, há pelo menos 10 anos um apelo calvinista para um Cristo da cultura, muitas vezes distorcido por uma má compreensão e aplicação do neocalvinismo holandês.¹⁷

O Cristo contra a cultura e o Cristo acima da cultura é um apelo muito forte de ser aplicado em um país onde o protestantismo tem características “contrareformistas”. O protestantismo brasileiro de missão, e aqui se encaixam grande parte dos calvinistas brasileiros, é nas palavras de Émille G. Léonard, uma “diluição de diluição”.¹⁸ De

¹⁴ Clássica divisão feita por Antônio Gouvêa de Mendonça e Próculo Velasquez em Introdução ao protestantismo brasileiro. MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUEZ, Próculo. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

¹⁵ Em FRESTON, PAUL. **Política e Religião sim, Estado e Igreja Não**. Viçosa (MG), Ultimato, 2006.

¹⁶ NIEBURH, Richard. **Cristo e Cultura**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967

¹⁷ Me refiro ao movimento da Cosmovisão Reformada.

¹⁸ LÉONARD, Émille. **O Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: ASTE, 2002

origem americana, que por sua vez é uma diluição da escocesa que por sua vez é uma diluição de Genebra. Muito distante de sua raiz, é muito mais fundamentalista que calviniano. Está muito mais próximo do movimento teológico fundamentalista norte-americano que da obra de João Calvino, cujas Institutas só foram traduzidas para o português no final dos anos 1980.

Evangelizar em um país cristão só faz sentido se eu apresentar a minha versão do cristianismo como o verdadeiro, o melhor. E assim, como a cultura brasileira foi fortemente construída pelo catolicismo popular e pela característica antropofágica, como bem conceituou Oswald de Andrade, toda ela é impura, e em muitos casos demonizada. A identidade deste protestantismo de missão não foi construída de forma positiva, mas negativa “não fazemos o que os católicos fazem”. Era preciso criar símbolos de distinção para provar a superioridade da religião. Não beber, fumar, jogar, ir a festas, não ouvir música ou não ir ao cinema, enfim, não se envolver com a cultura brasileira demonizada. A política entra neste contexto.

É claro que havia exceções entre os protestantes de imigração quanto a esta vida rigorosamente ascética, porém esta era a regra. Os protestantes de imigração são completamente diferentes. Já que vieram para trabalhar, viver, “fazer a América”. Já eram discriminados e se sentiam afastados do convívio social, por sua língua, cultura e religião. Aqui se encaixam os luteranos, alguns batistas e metodistas do interior de São Paulo de origem americana e alguns reformados suíços do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Porém a grande maioria de presbiterianos e batistas de missão tinham uma visão muito negativa da cultura brasileira e os pentecostais mais ainda.

Nos anos 60, uma parte da juventude de várias igrejas protestantes: luterana, metodista, batista, presbiteriana, tentaram dialogar mais com a cultura brasileira. Influenciados por várias vertentes, tanto política quanto teológica e pelo contexto da época, começaram a se ver como latino-americanos em um processo colonialista norte-americano. Isto gerou um grande conflito, já que sua religião vem dos EUA, assim começaram a pensar em um Cristo da Cultura. Organizaram um grande congresso nacional em Recife, a Conferência do Nordeste, com o tema “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”, que contou com palestrantes não protestantes de peso, como Paulo Freyre e Celso Furtado. Em tempos de Guerra Fria, logo seriam acusados de comunistas e seu movimento suplantado quando as lideranças de suas igrejas se alinharam com os militares em 1964.¹⁹

¹⁹ BURITY, Joanildo. Fé na Revolução, protestantismo e o discurso revolucionário brasileiro (1961 – 1964). São Paulo: Novos Diálogos, 2011.

Paralelamente ocorria o primeiro boom pentecostal no país, influenciando inclusive igrejas protestantes. Várias denominações de origem histórica se pentecostalizaram, foi o fenômeno das igrejas renovadas, o exemplo mais clássico é a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil. Em fins dos anos 70 nasce a Igreja Universal do Reino de Deus e a teologia da prosperidade começa a entrar no Brasil, e nos anos 80 o fenômeno de rádios evangélicas e a entrada de pastores na mídia tem seu início. E junto com todas estas mudanças a primeira febre escatológica do país em tempos de redemocratização.

Moralmente tanto pentecostais, quanto neopentecostais, quanto calvinistas haviam oficialmente demonizado a cultura brasileira, preferiam o Cristo contra e acima da cultura. Porém a ditadura havia terminado e a nova democracia exigia a presença de políticos que defendessem os valores da igreja, logo o apelo do político evangélico surgirá. Mas para isto a política não mais poderia ser demonizada, então nasce uma postura bem particular e brasileira do Cristo da Cultura, uma espécie de antropofagia evangélica: a cristianização da cultura e a criação de uma palavra cabalística, nasce a cultura gospel brasileira.

Tudo é permitido, desde que seja gospel, de campeonatos de futebol de igreja, passando pela moda. Mas nada foi mais influente no universo da cultura gospel que a música. Na política a bancada evangélica é formada, e como nosso protestantismo é pautado mais na negação do que na defesa, nos anos 90 e início dos 2000, sem grandes “ameaças” ao estilo gospel de ser que pudessem ser usados como trunfos políticos, eles apareceram muito pouco. Porém foram paulatinamente ocupando os espaços.

O censo do ano 2000 revelou o *boom* evangélico no país. Nos anos 90 houve uma grande presença evangélica na mídia de pastores oriundos de igrejas pentecostais e neopentecostais, como Silas Malafaia. No campo teológico, estas igrejas focaram muito na escatologia, próximo do fim do milênio o apelo do fim do mundo é de fato grande. A perspectiva escatológica adotada por pentecostais e neopentecostais no Brasil é o dispensacionalismo pré-milenista, pré-tribulacionista clássico, que historicamente tem amplo ativismo político nos EUA, e se mostrou no Brasil.

O dispensacionalismo é uma postura teológica que defende que Deus trata de forma diferente com a humanidade de acordo com os períodos da dispensação em que a humanidade está inserida. A última dispensação começaria com o arrebatamento da igreja. Esta postura escatológica segue uma sequência com forte apelo político e tem Israel com foco principal:

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

1. Arrebatamento invisível da Igreja;
2. 7 anos de tribulação com o Reino do Anticristo e perseguição dos que se converteram ao cristianismo após o arrebatamento ou estavam desviados, governo único, moeda única e a marca da besta, reconstrução do Templo de Salomão;
3. Batalha do Armagedon com o retorno visível de Cristo, que derrotará o Anticristo, prenderá Satanás e Reinará em Jerusalém por mil anos;
4. Satanás será solto para ser derrotado por Cristo e definitivamente jogado no lago de fogo, Juízo Final, a terra será destruída;
5. Novos e Nova Terra.

Quem popularizou essa postura teológica foi um pastor que viveu nos EUA no século XIX conhecido como Cyrus Scofield. Ele publicou uma Bíblia com anotações, essa Bíblia é extremamente popular entre pentecostais e neopentecostais no Brasil, conhecida aqui como Bíblia de estudos Scofield.

Além disso, uma série de filmes chega ao Brasil no início dos anos 2000, como Deixados para trás,²⁰ que ajudou a materializar esta perspectiva escatológica e acabou entrando no imaginário de seus frequentadores. Os filmes eram exibidos exaustivamente nas igrejas, e em muitos casos, a versão romantizada dos filmes era tida como realidade bíblica.

Esta postura escatológica tem forte postura política com Israel como centro da discussão. Com a fundação do Estado de Israel em 1948, os eventos políticos são acompanhados como cumprimentos das profecias. Teólogos e pastores começaram a associar ditadores como Hitler e Stalin como tipos de anticristo. Rússia e China começaram a ser vistas como Gogue e Magogue, as nações que se levantarão contra Israel no fim dos tempos.

O surgimento da ONU, da União Europeia, do euro, é visto como preparações para o reino do anticristo. Para quem crê nesta escatologia, Israel é o Israel Bíblico, tem muita importância para Deus, e estar contra Israel é estar contra Deus e contribuir com os planos do anticristo.

Não é sem motivo que Edir Macedo adotou uma estética que lembra um antigo profeta de Israel, e construiu um Templo de Salomão, em São Paulo. Também não é

²⁰ Criado por Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

sem motivo o fato de Jair Bolsonaro ter sido batizado no Rio Jordão. Questões comportamentais também não muito importantes escatologicamente, “o amor de muitos esfriará”, diz as sagradas escrituras. E o mais importante neste quesito, no fim dos tempos o mundo, que jaz no maligno, será como “Sodoma e Gomorra”, cuja característica mais evidente era o homossexualismo.

Figura 1 – Bispo Edir Macedo



Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/revista/1026/em-guerra-nada-santa-edir-macedo-mira-a-globo-e-os-catolicos>

Figura 2 – Batismo de Bolsonaro no Rio Jordão



Fonte: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/enquanto-votacao-do-impeachment-acontecia-bolsonaro-era-batizado-em-israel-19287802.html>

Nas últimas eleições presidenciais em 2014, Jair Bolsonaro era apenas o deputado que fazia extrema oposição ao deputado do PSOL, Jean Wyllys, defensor das plataformas LGBT's. Em 2014, as lideranças evangélicas estavam divididas, Edir Macedo apoiou Dilma, Silas Malafaia ajudou a destruir a campanha de Marina Silva e apoiou Aécio Neves no segundo turno. Reproduzindo algo comum até então, lideranças divididas politicamente, 2018 foi a exceção, praticamente todos os líderes midiáticos apoiaram Bolsonaro.

Paralelamente a isto, com o aprofundamento da operação Lava Jato e as denúncias de corrupção envolvendo o PT, surgiram vários Blogs que se identificaram com o espectro político da direita, destaque para Senso Incomum e Brasil Paralelo. Apesar de que o grande nome dos influenciadores digitais identificados como direita é, sem dúvida nenhuma, Olavo de Carvalho. Apesar destes grupos não serem evangélicos, causam grande influência com vídeos com nomes chamativos como “por que a esquerda odeia Israel”. A denúncia a algo que Olavo de Carvalho chama de “globalismo”, que seria inclusive o grande plano internacional da esquerda, parece muito com a ideia de governo único do anticristo no dispensacionalismo.

Outra face evangélica pró-Bolsonaro são os liberais (no campo econômico). Estes, em sua grande maioria pertencem a uma pequena parcela dos calvinistas brasileiros, mas que vem crescendo bastante e conquistando adeptos fora de seus arraiais. Basicamente é o grupo que aderiu a uma versão bem particular do neocalvinismo holandês e prega uma versão bem singular da tal “cosmovisão reformada”. Talvez o mais influente neste grupo no campo da política seja o pastor batista Franklin Ferreira.

Ferreira adentrou mais profundamente nas publicações sobre política quando traduziu a obra *Politics - According to the Bible: A Comprehensive Resource for Understanding Modern Political Issues in Light of Scripture*, de Wayne Grudem.²¹ O livro, cujo título em português é *Política segundo a Bíblia, princípios que todo cristão deve conhecer*, foi publicado em 2014, quatro anos depois do original em inglês. Dois anos depois, em 2016, Ferreira publicou *Contra a idolatria do Estado: O papel do cristão na política*, que teve ampla aceitação entre seus leitores. O livro extrapolou o campo exclusivamente evangélico, o próprio Ferreira fez questão de divulgar em sua página de Facebook o deputado Jair Bolsonaro e Kim Kataguri, do Movimento Brasil Livre, como leitores de sua obra.

Após as eleições do primeiro turno, Franklin Ferreira postou em sua página no facebook,²² recomendações aos eleitores de Jair Bolsonaro. Em uma delas, o pastor recomenda que não se fale mal dos nordestinos, que compartilhe coisas boas de Bolsonaro e que não se combata pessoas, mas ideias, se referindo ao PT. Também recomenda a fiscalização do voto, pois também põe em dúvida a confiabilidade das urnas eletrônicas e deixa bem claro que a ideologia “esquerdista” é anti-cristã, chega a apontar a vitória do PT, como claro juízo de Deus sobre o país:

²¹ Teólogo norte-americano extremamente conservador.

²² <https://www.facebook.com/ProfFranklinFerreira/posts/sugestões-aos-eleitores-de-jair-bolsonaroontem-foi-um-dia-histórico-sem-estrutur/2239619969445072/> acesso dia 27/11/2018

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Ao conversarem com cristãos que votaram no PT, perguntem como eles harmonizam sua fé com pautas como corrupção, descriminalização das drogas e aborto, desarmamento civil, bandidos soltos e inimputáveis, etc. Não se deixe levar por rótulos que os esquerdistas têm tentado colocar em Bolsonaro. O esquerdismo é uma ideologia anticristã, responsável pelo assassinato de pelo menos 100 milhões de pessoas no século 20, e que por onde passa semeia violência, morte, fome, miséria e pobreza. (...) Antes de passar adiante, cheque as notícias e não compartilhe “Fake News”! O PT foi um dos únicos partidos que não assinaram compromisso contra a disseminação de conteúdos falsos, de acordo com o TSE. As eleições majoritárias têm dois turnos, e essa é a regra do jogo. A vantagem do Bolsonaro no primeiro turno foi grande – e em todas as eleições presidenciais com segundo turno desde 1989 no Brasil, jamais houve virada. O vencedor do primeiro turno foi também o do segundo. E se ainda passarmos pelo desastre de o PT ganhar as eleições – o que será claro juízo de Deus sobre esse país e a sua igreja – seremos levados ao caos. Pois, com as mudanças profundas ocorridas na câmara federal e no senado, o PT não terá como governar o Brasil.

O discurso de Ferreira retoma o mesmo discurso do tempo da Guerra Fria, que também foi muito forte entre os pastores brasileiros. O medo do comunismo, da perseguição à igreja e ao modo de viver dos evangélicos, sempre foi uma preocupação presente entre os evangélicos brasileiros, e isto impulsionou a campanha de Bolsonaro. O fato do PT estar envolvido em escândalos de corrupção, tornou a escolha mais fácil ainda.

Figura 3 – Postagem de Ferreira sobre Bolsonaro possuir seu livro



Figura 4 – Postagem de Ferreira sobre Kim Kataguri e seu livro



Outro pastor bem ativo no campo das discussões políticas é Jonas Madureira, também batista e também defensor da “cosmovisão reformada”. Madureira é um pastor intelectual, possui doutorado em filosofia pela Universidade de São Paulo. Ficou mais conhecido nos debates do campo político com seus vídeos defendendo a impossibilidade de alguém ser cristão e ser marxista ao mesmo tempo. E apesar de seu doutorado em filosofia pela USP, Madureira não tem reservas em gravar vídeos condenando o “marxismo cultural”, termo que não existe para o mundo acadêmico.

Aliás “Marxismo Cultural” e “Ideologia de gênero” são dois conceitos, que apesar de não existirem na academia, são fortemente trabalhados, debatidos nas igrejas. Isto nos leva a um segundo momento neste artigo: traçar uma historicidade para o apoio evangélico quase que irrestrito a Bolsonaro nas eleições de 2018. Eu acredito que existe um momento chave, no dia 26 de outubro de 2014 em um evento político em São Paulo, Dilma anuncia Jean Wyllys como “representante da juventude brasileira”. No mesmo momento, Silas Malafaia Twitta: “evangélicos, acordem!”. Aquele, então, que era o grande opositor de Wyllys na Câmara se tornou o favorito dos evangélicos: Bolsonaro.

A Narrativa do Apoio

Logo após ter veiculado nos sites de notícias evangélicos, tanto o anúncio de Dilma, quanto a chamada de Malafaia sobre Wyllys, o antipetismo evangélico cresceu substancialmente. E aqui nem cabe discutir se de fato Dilma anunciou Wyllys como representante da juventude brasileira, o fato é que o anúncio, verdadeiro ou não, repercutiu. O fake se tornou fato.

Vivemos na era da pós-verdade. A verdade, tema caro e tranquilo para historiadores, não é mais algo objetivo, ela nem precisa ser mais real, precisa ser crível, que na era da pós-verdade é aquilo que eu creio que seja a verdade. Fato mesmo é a consolidação do PT como um partido antricristão após o anúncio (verdadeiro ou não) de Jean Wyllys como representante da juventude no governo Dilma. Depois de encontrar aquele que de fato seria a melhor opção anti-PT na concepção de grande parte da liderança evangélica, era preciso construí-lo como cristão.

O primeiro contato de Jair Bolsonaro com o mundo evangélico foi em 2013 quando se casou pela terceira vez. Sua terceira esposa, Michele de Paula Firmo Reinaldo Bolsonaro, evangélica, membro da Igreja Assembleia de Deus Vitória em

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Cristo, onde Malafaia é pastor. Malafaia celebrou o casamento religioso. No mesmo ano, o pastor Marco Feliciano foi eleito para a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara. Bolsonaro apoiou sua presidência, e a partir daí a aproximação com outro líder evangélico foi firmada.

Figura 5 – Silas Malafaia celebrando o terceiro casamento de Bolsonaro



Fonte: <http://www.noivacomclasse.com/2017/09/casamentos-de-jair-messias-bolsonaro.html> acesso 21/11/2018

A campanha de 2014 para presidência da República foi uma das mais polarizadas da história. Temas como aborto, casamento de pessoas do mesmo sexo, descriminalização do uso de drogas foram pontos-chaves. Sensíveis a estas questões, grande parte dos evangélicos votou em Aécio Neves (PSDB). Porém o grande destaque religioso desta campanha foi a verdadeira destruição de Marina Silva como possível representante dos evangélicos. Marina afirmou fazer plebiscito sobre temas polêmicos como o aborto e foi firmemente bombardeada por Malafaia, ao voltar atrás de sua decisão e proclamar ser contra o aborto, Marina perdeu consideravelmente seus eleitores.

Magno Malta, senador pelo Espírito Santo, também começa a buscar aproximação com Bolsonaro. Em 2015, o deputado começa a participar da “Marcha pra Jesus”, primeiro no Rio, depois em São Paulo. Na capital paulista, aproxima-se do “criador” do evento no Brasil, o “apóstolo” e líder da Igreja Renascer em Cristo, também de linha neopentecostal, Estevam Hernandes. O universo pentecostal e neopentecostal começa a se render a Bolsonaro. Em 2016, Bolsonaro se filia ao PSC e é lançado como pré-candidato à presidência da República. É batizado no rio Jordão pelo pastor Everaldo logo após o *impeachment* de Dilma Roussef.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Figura 6 – Bolsonaro em Marcha pra Jesus no Rio de Janeiro em 2015 ao lado de Silas Malafaia e Magno Malta



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/05/29/de-olho-em-voto-evangelico-bolsonaro-participa-de-marcha-para-jesus-em-sp.htm> acesso 22/11/2018

Porém, sua permanência no PSC durou pouco mais de um ano. Bolsonaro desentendeu-se com o líder do partido, pastor Everaldo, o mesmo que o batizou, por ele fechar um acordo local entre o PSC e o PCdoB, de Flávio Dino, no Maranhão. Nitidamente irritado, Bolsonaro foi às redes sociais, principal plataforma de comunicação com seus eleitores, e publicamente teceu pesadas críticas a Everaldo.

No vídeo Bolsonaro deixa claro sua irritação, “se quero ter algo na política, preciso de partido”,²³ já lançado como pré-candidato à presidência da República e querendo manter sua coerência de não fazer aliança com a esquerda, viu-se na possibilidade de não concorrer à presidência, por não ter partido.

O deputado procurou o Patriotas, porém desistiu de se filiar ao partido e fechou com o PSL. O que provocou a saída do Livres da sigla, a ala mais liberal do partido. Candidato à presidência da república, Bolsonaro conseguiu atrair para si grupos muito distintos: saudosistas da Ditadura Militar, conservadores, liberais na economia, evangélicos, católicos tradicionalistas e até monarquistas. Como ele conseguiu tamanho feito? Talvez a resposta mais evidente seja: todos são fortemente antipetistas.

O sentimento antipetista no país crescia ao mesmo tempo que aumentavam as denúncias contra o partido de esquemas de corrupção. Os evangélicos pentecostais e neopentecospais apoiaram desde cedo Bolsonaro, os líderes calvinistas adeptos da cosmovisão reformada, nunca o fizeram diretamente. Porém, no dia seguinte à facada que Bolsonaro recebeu, eles publicam uma “carta à igreja brasileira”. A carta é curta, mas fala muito a quem conhece o discurso de Bolsonaro.

²³ Link do vídeo https://www.youtube.com/watch?v=XPMV7_2BUDc&t=90s

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Que o SENHOR, o Deus Triúno, conduza em suas campanhas os candidatos honestos, bem-intencionados, comprometidos com a transparência e a moralidade, com princípios virtuosos de vida em sociedade e com uma visão cristã de mundo, a fim de que estes consigam ser eleitos aos cargos a que concorrem; Que o SENHOR, o Deus Triúno, mude o coração daqueles que estão dispostos a votar em candidatos envolvidos em casos de corrupção, nem permita que estes sejam eleitos; Que o SENHOR, o Deus Triúno, refreie a representação de ideologias anticristãs em nossos parlamentos estaduais e no Congresso Nacional; Que o SENHOR, o Deus Triúno, frustre toda a tentativa de fraude no sistema eleitoral;²⁴

A propaganda de Bolsonaro enfatizava o fato dele ser honesto, moralista, cristão. A carta pede que “Deus mude o coração” de quem votará em candidatos envolvidos em corrupção, isto fala claramente sua posição antipetista. O documento também fala de refrear ideologias anticristãs no congresso nacional, a propaganda de Bolsonaro enfatizava o perigo do marxismo cultural que promove a ideologia de gênero. Além de por em dúvida o processo eleitoral, legitimando o discurso de fraude nas urnas eletrônicas que foi proposta por Bolsonaro.

Porém, o último e mais importante apoio ainda viria, Edir Macedo, um histórico apoiador do PT. Acredito que a razão para o rompimento de Macedo com o PT e seu apoio a Bolsonaro se deu pela capacidade do Bispo de interpretar o momento político do país.

O grande antipetismo crescente somado ao sentimento negativo que Bolsonaro nutre pela Rede Globo de Televisão, Macedo viu em Bolsonaro uma oportunidade de promover seu canal de TV, a Rede Record. No dia do debate presidencial do primeiro turno na Globo, a Record transmitiu uma entrevista com Bolsonaro no mesmo horário.

Por fim, Bolsonaro pareceu personificar o candidato ideal dos dispensacionistas. Ora, um apoiador de Israel só pode ser um inimigo do anticristo e de seus apoiadores e promotores: “globalistas esquerdistas”, apoiadores de políticas feministas, “abortistas”, marxistas culturais e ideólogos de gênero. Para os calvinistas adeptos da cosmovisão reformada, Bolsonaro como presidente, seria a oportunidade perfeita para eliminar a primazia marxista da intelectualidade, e de terem uma chance de serem vistos inclusive como defensores do liberalismo econômico.

Por outro lado, o PT não soube interpretar o “Brasil evangélico”, nem suas angústias e anseios. E pareceu ignorar ou menosprezar a capacidade política desta população. Órfãos de partidos conservadores e anti-ecumênicos o suficiente para abraçarem a democracia cristã católico-luterana, além de serem desconhecedores de

²⁴ <https://tuporem.org.br/eleicoes-2018-carta-aberta-a-igreja-brasileira/> acesso 24 nov 2018.

sua própria história política mundial.²⁵ Grande parte com discursos rasos que nada tem a ver com a ciência política ou com tradição teológica dos reformadores,²⁶ esta parcela dos evangélicos brasileiros saiu da mentalidade de gueto para o palco principal da política nacional.²⁷

Figura 7 – Edir Macedo na posse de Dilma em 2011



Fonte: <http://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/representantes-da-rede-record-participam-da-cerimonia-de-posse-de-dilma-rousseff-06102018> acesso 24/11/2018

Porém, não se pode falar de “voto evangélico”.²⁸ Uma das maiores características dos evangélicos é sua grande heterogeneidade. Muitos evangélicos não votaram, ou deram seu voto a Haddad, Ciro ou a outros candidatos. Houve também um movimento de evangélicos que denunciou o abuso eclesialístico em apoio a Bolsonaro e ao messianismo criado em torno do mesmo. O grupo também fez um manifesto, que foi duramente criticado por Silas Malafaia. O documento se chama “Carta pastoral à nação brasileira” e foi assinada por mais de 3.800 pastores, teólogos e intelectuais evangélicos do Brasil.²⁹

4) Nossa indignação contra toda pretensão de haver um governo exercido em nome de Deus, bem como contra toda aspiração autoritária e antidemocrática. Afirmamos nossa firme convicção de que o nome de Deus não pode ser usado em vão, ainda mais para fins políticos. Por isso, recomendamos, enfaticamente, que se desconfie de qualquer tentativa de manipulação do nome de Deus (Ex 20.7); 5) Nosso repúdio a toda e qualquer forma de instrumentalização da religião e dos espaços sagrados para promoção de candidatos e partidarismos. Creemos num Deus grande o suficiente para não se deixar usar por formas anticristãs de pensamento e de ação; 6) Nossa

²⁵ Em CAVALCANTI Robinson. *Cristianismo e política, teoria bíblica e prática histórica*. Viçosa (MG): Ultimato, 2002

²⁶ LAGO, Davi. *Brasil Polifônico, os evangélicos e as estruturas do poder*. São Paulo, Mundo Cristão, 2018.

²⁷ Dom Robinson Cavalcanti em obra citada

²⁸ Em CUNHA, Magali Nascimento Cunha. *Do púlpito às mídias sociais, evangélicos na política e ativismo digital*. Curitiba: Prismas, 2017

²⁹ Fui signatária deste documento.

denúncia da instrumentalização da piedade e da posição pastoral com objetivo de exercer uma condução do voto. Reafirmamos a liberdade que o cidadão tem de optar por seus candidatos, sem se sentir levado por sentimentos de medo e culpa, frequentemente promovidos por profissionais da religião visando a manipulação política de fiéis (Mt 7.15-20; Rm 16.17-18; 2 Pe 2.1-3; Jo 10.10a); 7) Nossa denúncia de toda e qualquer forma de corrupção, desde aquelas que lesam os cofres públicos às demais travestidas ora de opressão social, ora de conluíus e conveniências com a injustiça, com a impunidade e com os poderes estabelecidos (Dt 25.13-16; Pv 11.1; 20.10; 31.9; Is 10.1-2; Jr 22.15-17; Mq 6.11; 7.2-3; Lc 3.12-13); 8) Nossa certeza de que o Reino não está circunscrito à Igreja e de que não pode ser capitaneado por ninguém, seja qual for o cargo que exerça ou credencial que possua (Lc 17.20-21; At 10.34-35);³⁰

O diferencial desta eleição foi o apoio mais claro e forte de uma parcela considerável de evangélicos a Bolsonaro, porém, como líder carismático, esta foi uma característica de seus eleitores no geral, e não somente dos evangélicos. O que estas eleições mostraram foi a capacidade de liderança política de líderes evangélicos de tradições diferentes e até rivais, em torno de um nome. E uma capacidade maior ainda do povo se envolver e levando para dimensão política conceitos teológicos, assim como Christopher Hill estudou na Revolução Inglesa,³¹ reproduzindo uma “tentação” milenar, o Estado Cristão. Desprezados por grande parcela da esquerda, que os chamava de “facistas reacionários”, não é difícil de compreender o fato de parcela considerável dos evangélicos apoiarem Bolsonaro.

³⁰ <https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=cartapastoral2018> acesso 24/11/2018

³¹ Em HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do século XVII*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.